

Retratos de Assentamento, um periódico criado para acompanhar, registrar e explicar nosso difícil processo de reforma agrária, ampliou recentemente seus objetivos para abarcar questões sociais e históricas relevantes nos amplos espaços do mundo rural deste imenso país. Ou seja, abriu suas páginas para a compreensão do campo em geral. E quando falamos em campo, estamos falando de um espaço historicamente construído – e em construção – do qual, afinal, os assentamentos rurais da reforma agrária fazem parte.

E mais. O raio de abrangência ao qual nosso periódico se dedica, se expande cada vez mais, estendendo-se também para o rural latino americano, que aliás dá continuidade ao nosso rural, dentro da totalidade histórica que nos desafia. Este número, por exemplo, traz importante artigo sobre concentração e estrangeirização de terras agriculturáveis no Paraguai, lembrando que esse país é tristemente pioneiro como vítima de mercantilização da natureza, em um processo cada vez mais frequente (a estrangeirização) em países cuja soberania tem sido suprimida por golpes de Estado, algumas vezes travestidos de impeachment.

Temos hoje, um periódico que amplifica esse olhar para os espaços rurais latino americanos. Cresce, portanto, a importância do rural na totalidade histórica do Império mundial em formação, o qual nem todos reconhecem, sob os mantos ideológicos da assim chamada globalização. O que nos parece notável, é que nesse processo que vai quebrando a soberania dos países (e quebrou a nossa recentemente) há um rural que resiste.

Durante muito tempo se afirmou – à direita e à esquerda do espectro político – que o campesinato seria uma categoria social conservadora, ignorando-se as inúmeras revoltas camponesas ocorridas, tanto no Brasil e na América Latina, quanto na Europa, desde os primórdios da Idade Média. Mas abertos os arquivos que contêm os registros relativos às classes populares, essas revoltas emergem com muita força no grande painel dos movimentos sociais da História.

Porém não nos cabe resumir aqui esse incrível capítulo da História da Humanidade. É um tema enciclopédico, infinito...

O Campo, sobre o qual pensamos é aquela parte do rural que enfrenta o “agrobusiness”, recuperando a natureza ao mundo da mercadoria e que resiste à quebra de nossa soberania. Destacam-se até os embriões da mudança. Há um elo de ligação entre esse rural produtor de alimentos e as grandes lideranças políticas que podem impedir a total transformação do mundo em pura mercadoria. A terra é natureza e como tal, fonte da vida e não do lucro e da ganância. Assim, quando se pensa em produção de alimentos e combate à fome, estamos refletindo dentro de um complexo de ideias que interagem em formas marcadas pela reciprocidade dos fatores em jogo.

A luta pela terra é base desse complexo, na medida em que lutar pela terra de trabalho implica lutar pela produção de alimentos – prioridade da agricultura familiar e não dos grandes cultivos – os quais caracterizam cada vez mais a economia capitalista.

A revista permanece incentivando a produção de conhecimento, especialmente em nível de pós-graduação, valorizando a publicação de pesquisas em colaboração com orientadores e trabalhos de grupos de pesquisa e extensão com a participação de estudantes da pós-graduação.

A presente edição reflete bem a diversidade de pesquisas que pensam o meio rural como espaço plural e diverso nas incursões científicas. Os objetos de pesquisa resgatam temas clássicos e bem contemporâneos nas Ciências Sociais Agrárias, como a concentração de terras e a agroecologia, respectivamente. O artigo que abre o volume, como dissemos, trata do processo histórico de concentração e estrangeirização de terras no Paraguai, o país que possui a maior concentração fundiária do mundo. Os autores discutem os efeitos deste processo do ponto de vista dos camponeses, mas também os efeitos estruturadores que a concentração e o controle da terra têm sobre os rumos da economia e do abastecimento alimentar em todo o país.

Em seguida, passamos a um bloco de artigos sobre agroecologia, o que está se tornando comum na composição do periódico Retratos. As experiências analisam desde a participação das mulheres em uma organização de produtores orgânicos e seus desafios frente ao patriarcalismo, constitutivo deste modo de vida, até trabalhos que vêm mostrando que a sociedade vem colhendo pequenos e grandes frutos do avanço científico da agroecologia.

Em um dos artigos, apresenta-se um ponto de vista para a produção de arroz orgânico pelo MST na região metropolitana de Porto Alegre/RS, um dos casos com maior repercussão nas mídias e redes sociais. Por outro lado, verdadeiros trabalhos de formiguinha seguem contribuindo para

experiências de pesquisa que sensibilizam e constroem o conhecimento de forma participativa, desta vez em relação aos princípios agroflorestais em um assentamento PDS em São Carlos/SP.

Destaca-se positivamente a crescente preocupação das pesquisas em serem participativas, darem voz aos agricultores e agricultoras e, também, contribuírem para solução de problemas práticos. Neste sentido, frente a temas atuais como os desafios da implantação do CAR (Cadastro Ambiental Rural) e a soberania alimentar, artigos de pesquisadores de pós-graduação comprovam que experiências de pesquisa e extensão aproximam jovens pesquisadores de realidades sociais complexas e que, sem dúvidas, contribuem para a formação de pessoas com capacidade de compreensão e de análise dos processos sociais rurais. Ampliando a concepção de conhecimento e dando maior fertilidade à produção acadêmica.

Dois artigos analisam políticas públicas de compra institucional, que apesar de sofrerem grandes perdas orçamentárias e capacidade de operação, com a quase extinção do PAA nos últimos três anos, certamente continuarão firmes e fortes como um dos temas de maior relevância em nosso campo científico. Seus efeitos benéficos para toda a sociedade não cessam e, com isso, permanecerá enquanto tema gerador de investigações que têm como pano de fundo o papel do Estado na consecução de direitos fundamentais, como a segurança alimentar e nutricional da população em geral. Neste sentido, ambos os artigos discutem, enquanto estudos de caso, os desafios do PNAE em diferentes territórios de São Paulo e Minas Gerais. Produtos importantes para não se perder a capacidade de resistência às ações castradoras que se delineiam no plano das políticas públicas.

Um texto sobre infância e educação encerra o volume, uma vez que o afeto das crianças pela natureza e, em muitos pontos do planeta, os conhecimentos sobre biodiversidade que algumas crianças apresentam, podem incentivar transformações ligadas à educação. Afinal, se o programa de alimentação escolar enfrenta desafios para essa implementação, torna-se realidade quando se promove “o diálogo entre os diferentes atores envolvidos”, conforme mostra um dos artigos aqui contemplados.

Enfim, reforma agrária, o feminismo, o fenômeno – contestados em teses que insistiam no fim do rural – de homens e mulheres voltando à terra, a gestão de recursos locais, a produção de alimentos, a preocupação com a preservação da natureza, a implantação de sistemas agroflorestais e políticas públicas, tudo se relaciona. Cada um desses fatores parece pequeno diante das poderosas forças que emanam da acumulação

mundial do capital, mas quando em interações recíprocas também podem gerar uma outra dinâmica histórica em conjunto com as contradições que o próprio capital engendra. Neste período de transição política, em que autoritarismos se associam a medidas de castração de direitos e de conquistas históricas da democracia brasileira, Retratos de Assentamentos mantém sua proposta de ser um veículo vivo de fortalecimento da resistência e da sementeira de uma cultura afirmadora de um pensamento livre, crítico, voltado a uma cuidadosa leitura das perspectivas trazidas pelo campo na recuperação da terra, do trabalho, da vida e da soberania alimentar.

É a partir dessas grandes contradições que desejamos uma boa leitura, união e solidariedade para todas as pessoas engajadas na compreensão da importância histórica dos grupos sociais no meio rural. Boa leitura!

Os Editores